

PRIMEIRA PARTE

A ascensão de Marilyn

“Os Federais haviam colocado escutas. Nas duas últimas semanas, ela tinha ‘traçado’ o disc-jóquei Allan Freed, Billy Eckstine, Fred Otash, Jon *Ramar of the jungle* Hall, o cara que limpava a piscina, dois entregadores de pizzas, o amestrador de Rin-Tin-Tin, o apresentador de talk-shows Tom Duggan e o marido da faxineira.”

James Ellroy,
American Tabloid

PRELÚDIO

Dallas, 22 de novembro de 1963

A bala penetra no crânio de John Fitzgerald Kennedy, abrindo uma cratera de 13 centímetros de diâmetro. O projétil Winchester Mannlicher-Carcano, calibre 6,5, dilacera a região parietal do cérebro, esmigalha a área somatomotora e explode, fraturando o osso e o frontal direito. Minúsculas lascas de metal se espalham. O lobo esquerdo pura e simplesmente desaparece. Pedacos do tecido e dos ossos se perdem, sob a pressão colossal provocada pela bala. Linhas de fratura como raios dardejando de um núcleo racham a caixa craniana. O sangue brota como um gêiser, atingindo todos que se encontram na limusine presidencial. O corpo de JFK, amolecido, é lançado contra o encosto do banco traseiro e desaba sobre o ombro de Jackie Kennedy. Ela está sentada à sua esquerda, a 15 centímetros, e grita:

— Ah! não! Não, não, não! Atiraram em meu marido!

Um pedaço de crânio com matéria cerebral voa para trás e cai sobre a tampa do porta-malas do automóvel. Jackie, de joelhos, sobe no capô e segue na direção do fragmento sanguinolento. Estranhamente, o agente William Greer, que está ao volante da limusine, diminui a velocidade, ficando a menos de 18 quilômetros por hora e contrariando, com isso, o regulamento. O agente Clint Hill, encarregado da segurança da primeira-dama, se aproxima às pressas. Ele segura Jackie, forçando-a a voltar para o interior do carro. Ela grita:

— Meu Deus! Deram um tiro na cabeça!

Teria sido a segunda, a terceira, a quinta bala? Ninguém sabe. Oito segundos e quatro décimos se passam entre o primeiro e o último tiro. Ao diminuir a velocidade, o chofer havia proporcionado um magnífi-

co alvo. Em vez de partir a toda, Greer se vira para trás, incrédulo. Os motociclistas, que deviam escoltar o veículo e proteger os flancos, ficam para trás, sem nenhuma utilidade. Os demais agentes do Serviço Secreto — encarregado da segurança pessoal do Presidente — permanecem inertes. Na véspera, nove deles tinham saído para farrear na cidade e o último havia chegado às cinco horas da manhã.

O governador do estado, John Connally, sentado com a esposa no banco dianteiro da limusine, desaba. Foi atingido. Sua mulher lhe segura a mão.

— Mataram o Presidente, mataram o Presidente!

Abraham Zapruder, um simples alfaiate judeu ucraniano, não se contém. Ele grita e grita cada vez mais. Sua câmera Bell & Howell 8mm grava tudo. E continua seguindo o veículo presidencial, com o zoom no máximo, filmando até ele desaparecer na escuridão de um túnel.

Ao emergir do túnel, o agente Clint Hill ainda está estendido sobre o capô traseiro do veículo. Ele vê apenas uma massa vermelha no lugar da cabeça do Presidente e percebe um pedaço de cérebro no assento. Há sangue no encosto, nas portas, nas roupas de Jackie. Ela sussurra para o marido:

— Jack, Jack, o que fizeram?

Clint Hill grita:

— Para o hospital, para o hospital!

Na viatura de escolta, o agente Paul Landis, de pé no estribo, olha para o casal presidencial. Clint Hill acena com o polegar para baixo, em sinal de derrota.

A velocidade aumenta e o caos se torna perceptível. De cada lado da rua as pessoas parecem paralisadas, enquanto outras se jogam no chão. Os guarda-costas do vice-presidente Johnson, em outro veículo, o haviam encoberto com os próprios corpos, para protegê-lo. A multidão comprimida ao longo do trajeto, com bandeirolas de boas-vindas, parece desnorreada. O carro presidencial, um Lincoln Continental SS-100-X, pesando quatro toneladas, parte a 140 quilômetros por hora. Está quase fora de controle. Ao alcançar a Stemmons Way, com as sirenes ligadas, pôde-se ver o Trade Mart, o centro comercial em que JFK está

sendo esperado para fazer um discurso e onde um cartaz publicitário anuncia a estréia em breve de *Move over, darling*, que seria o último filme de Marilyn Monroe.

Jackie Kennedy continua a sussurrar ao Presidente:

— Jack, Jack, você pode me ouvir?

O olho esquerdo de JFK está pendente, fora da órbita.

A comitiva passa a ter à frente três motociclistas. As Harley-Davidson dos policiais derrapam: estão indo rápido demais. No automóvel, o governador Connally fica inconsciente e acha que está morrendo. A mulher olha para ele e murmura:

— Tudo vai ficar bem, não se mexa muito.

Ela ouve a voz de Jackie:

— Ele morreu... Mataram-no. Jack, Jack, eu amo você!

Ela repete essas poucas palavras e continua a repeti-las.

A comitiva prossegue pelo Industrial Boulevard, depois pelo Harry Hines Boulevard, onde uma curva acentuada desemboca em um cruzamento com uma estrada de ferro. O carro, a toda a velocidade, bate nos trilhos. Os motociclistas levantam vôo. Os pneus cantam. O Lincoln, aos saltos, bate no asfalto. A cabeça do Presidente pende, encostada no colo de Jackie. O trajeto dura seis minutos.

No Parkland Hospital, o Lincoln freia bruscamente. O agente Roy Kellerman salta e corre para a porta principal. Ninguém na Emergência. Nenhuma alma viva. Nenhuma maca sequer. Silêncio. Um jornal aberto tem como manchete a visita do Presidente a Dallas e convida o público para o filme *Duelo ao sol*, com Gregory Peck. O carro de escolta também estaciona na área de entrada. Kellerman grita:

— Uma maca, uma maca!

Depois se inclina para o governador Connally e diz:

— Tudo vai ficar bem.

Uma enfermeira aparece, com um ajudante.

Dave Powers, amigo pessoal do Presidente e conselheiro especial, corre para o automóvel, onde Jackie permanece sentada, inerte, e exclama:

— Meu Deus, o que fizeram?

E cai em lágrimas. Jackie olha para ele:

— Dave, ele morreu.

Dallas, 22 de novembro de 1963

O agente Robert Emory abre a porta traseira direita do carro. Jackie cobre o marido com o próprio corpo, se recusando a se mover.

— Senhora Kennedy, precisa se afastar.

— Não adianta.

Enquanto cresce a agitação em torno do Presidente, ninguém se preocupa com o governador Connally. Sua mulher se dá conta de que o assento em que o marido está bloqueia o banco de trás. É preciso abaixar o encosto. O governador é então retirado e transferido para uma maca, desaparecendo nos corredores do hospital. Ele sobreviveria.

Um dos guarda-costas tenta puxar Jackie pelo ombro. Ela resiste.

— Quero ficar com ele!

O agente Clint Hill intervém. Eles se conhecem bem e ele lhe diz em voz baixa:

— Por favor, senhora Kennedy.

Ela geme. Ele insiste, com delicadeza.

— Por favor.

Ela não se move e continua cobrindo o corpo com o seu. E responde:

— Não, senhor Hill. Sabe muito bem que ele está morto. Deixe-me.

O agente, então, percebe. Compreende que Jackie não quer que seu marido seja visto naquele estado, ferido, diminuído, mutilado.

Hill tira o seu paletó e cobre a cabeça do Presidente. Jackie, afinal, permite. Enquanto o corpo é transportado em uma maca, alguém coloca o chapéu da primeira-dama sobre o peito do ferido. Todo mundo se agita. Um estado febril se apodera das pessoas: elas rezam, choram, estão todas tomadas de estupor.

Agentes do Serviço Secreto estão em prantos, enfermeiras correm. O paletó de Clint Hill cai no chão. Um lençol ensopado de sangue cobre JFK. Quando a maca chega ao Trauma Room One, o agente Roy Kellerman entra na sala dos médicos e pergunta, sem se dirigir a ninguém em particular:

— Posso telefonar?

— Claro. À vontade.

Kellerman liga para o seu chefe, na Casa Branca:

— Atiraram no Presidente e no governador. Estamos no hospital. Registre o horário.

No Parkland Hospital, uma enfermeira anotava: 12h38. Ficha nº 24740, Kennedy, John.

Chega o interno de plantão, Charles Carrico. Tem 28 anos de idade, mas bastante experiência. Em Dallas, já tratou de mais de duzentos ferimentos de bala. Ele examina JFK. Os sinais vitais são fracos: pele cerosa, respiração agônica, espasmos, pupilas dilatadas, olhos imóveis. Com dois outros médicos, Carrico abre a camisa do Presidente, encosta o ouvido em seu peito, ouve fracas batidas. Ordena a inserção de um cateter no tornozelo direito do paciente. A sala está coberta de sangue, as pessoas escorregam. Entubam o Presidente. Outros médicos começam a chegar, entre os quais Charles Baxter, professor de cirurgia. Ele abre caminho entre os guarda-costas, os policiais, as enfermeiras, os assistentes.

Jackie solicita um padre. Fazem-na sair do Trauma Room One. A porta se fecha atrás dela. Um policial oferece uma cadeira de armar, que ela recusa. Dave Powers a viu: tinha as mãos fechadas, esperando ainda que o marido sobrevivesse. Powers está chorando, Jackie não.

Carrico liga o sistema de respiração por aparelhos. Nota que o ar escapa por um pequeno orifício na garganta do Presidente. O doutor Perry pergunta:

- Fez uma traqueotomia?
- Não. É um ferimento.

De fato, há um ferimento na traquéia. Uma cinta elástica, para firmar as costas, tinha mantido JFK ereto após a primeira bala, impedindo que ele tombasse para o lado. O atirador precisou apenas ajustar o tiro para o golpe de misericórdia.

Carrico repara que outros médicos continuam a chegar. William Kemp Clark, neurocirurgião, está presente. Paul Peters, urologista que está de plantão, tenta ajudar. Marion Jenkins e Adolph Giesecke, dois especialistas tarimbados, estudam a possibilidade de anestésiar a vítima. Os internos Don Curtis, Kenneth Salyer e Charles A. Crenshaw fazem uma transfusão de sangue. Perry e Carrico trocam um olhar: a situação é desesperadora, eles bem sabem. Ninguém sobrevive a tal deterioração dos tecidos vitais.

O almirante George Burkley, um dos médicos particulares de JFK, entra na sala. Observa que estão usando sangue de tipo O negativo,

sendo o presidente O positivo. Lembra ser preciso injetar esteróides. Ele tira algumas cápsulas de Solu-Cortef de sua bolsa, mesmo sabendo ser um caso irremediável. Quando ele volta ao corredor, Jackie está sentada em uma cadeira de armar, com o olhar perdido, e diz:

— Vou entrar.

A enfermeira de plantão, Doris Nelson, não permite:

— A senhora não pode entrar.

— Vou entrar e vou ficar lá.

Jackie tenta empurrar a enfermeira Nelson. Com as pernas bem plantadas no chão, a mulher não se move e afasta a primeira-dama.

— Eu vou entrar.

Jackie está determinada. A senhorita Nelson não cede. Burkley se aproxima, sugerindo que a primeira-dama tome um sedativo. Ela olha para o médico:

— Eu quero estar com ele quando ele morrer.

E recusa o sedativo. O almirante diz à enfermeira:

— É um direito dela, de esposa. Ela tem razão.

Quando Jackie entra na sala da emergência, reina uma completa confusão. Médicos passam instruções, internos ligam aparelhos, enfermeiras preparam seringas. Jackie está em estado de choque. Dá alguns passos, com as mãos juntas. O doutor Jenkins quase a atropela ao passar e olha o que ela tem nas mãos.

Um pedaço de cérebro.

Delicadamente, Jenkins o recolhe.

Jackie se dirige para o canto da sala em que Burkley se refugiara. Encosta a cabeça no ombro do almirante, dobra as pernas e vai deslizando lentamente para o chão. De joelhos em cima do sangue, ela fecha os olhos.

Em Washington, em sua casa repleta de animais domésticos que sujam os tapetes e urinam nos móveis, Robert Kennedy parece estar de bom humor. Mordaz, irritante, facilmente colérico, ele combina os maus modos naturais com ideais de justiça. Sua arrogância deixa todo mundo pouco à vontade. Desde que foi nomeado para o cargo de procurador-geral, o irmão do Presidente dirige o Ministério da Justiça como um

sargento expede comandos de assalto. Ele ataca, atropela as hierarquias, exige resultados e tem duas obsessões. A primeira é a de pôr de joelhos o imperador Hoffa, líder dos Teamsters, o todo-poderoso sindicato dos transportes ligado à Máfia. A segunda é a de se livrar de Hoover, o diretor do FBI que detesta os Kennedy e sabota todas as decisões de RFK, seu ministro-chefe. James Hoffa e J. Edgar Hoover também não suportam aquele rapazote de dentes para fora devorado pela própria ambição.

Ao meio-dia, RFK tinha voltado para casa, em Hickory Hill, que está em obras. Sua mulher, Ethel, o aguardava. Verdadeira máquina de fazer filhos, agressiva e feia, Ethel Skakel Kennedy pouco cuida de sua prole; para se divertir empurra convidados na piscina, dá de comer às lamas, aos papagaios e aos cães da casa, despede dois empregados por dia e é dona de uma espantosa avareza. Chega a vigiar o osso do pernil assado, para ver se a cozinheira não está roubando alguns gramas de carne depois de servir a refeição. Ela é cheia de atenções com o marido. Ele a tinha prevenido de que traria para almoçar Robert Morgenthau, o procurador de Nova York, e Silvio Mollo, diretor da divisão criminal de Manhattan. Conversariam sobre a ofensiva geral contra a Máfia e seus padrinhos, Sam Giancana, de Chicago, Carlos Marcello, de Nova Orleans, Santo Trafficante, de Tampa, e, é claro, Jimmy Hoffa.

Os convidados se instalam perto da piscina. Um pônei passa por eles. Brumus, o imenso terra-nova do ministro, vem babar nos sapatos dos convidados. Ethel, animada e ainda resfolegante após uma partida de tênis, manda servir o almoço: sopa de mexilhões e sanduíches de atum. Mal começam a comer, o telefone toca. Ethel se levanta para atender.

— Alô, é J. Edgar Hoover.

Ela faz sinal para que Robert venha. Sabe que os dois homens estão em pé de guerra. Para que Hoover telefone, deve ser algo importante.

Um dos pintores que trabalham na reforma da fachada está agitado. Robert Morgenthau o vê lá longe, brandindo um radinho de pilhas e gritando alguma coisa.

Hoover diz:

— Deram um tiro no Presidente. É possível que o ferimento seja fatal. Volto a ligar.

Robert Kennedy tapa a boca com a mão. Tem uma expressão de horror. Permanece sem fala. Em seguida:

Dallas, 22 de novembro de 1963

— Atiraram em Jack. Talvez seja fatal.
São 12h43.

Os médicos não detectam mais sinal algum. O pulso desapareceu. O aparelho eletrocardiógrafo está mudo. O doutor Kemp Clark começa uma massagem cardíaca de emergência. Sobe em um banquinho e comprime cadenciadamente o peito do Presidente. A cada pressão, ondas de sangue brotam da ferida craniana de JFK. O sangue escorre pela mesa de operação e desce para o chão, fazendo os sapatos dos médicos e das enfermeiras grudarem. A tela do eletrocardiógrafo mostra uma linha reta. O médico desce do banquinho.

— Tarde demais.

O padre Oscar Huber aguarda no corredor.

O doutor Jenkins cobre o rosto do Presidente.

Clark se vira para Jackie e confirma:

— O ferimento do seu marido era fatal.

Ela olha em sua direção e parece dizer alguma coisa. Algo como:

— Eu sei.

É uma hora da tarde. O 35º Presidente dos Estados Unidos está oficialmente morto.

No primeiro andar, Robert Kennedy, com os olhos inchados de lágrimas, termina seus preparativos para ir a Dallas. O telefone toca. O capitão Taz Shepard, um dos assessores de seu irmão, lhe avisa:

— O Presidente morreu.

RFK deixa escapar um gemido:

— Morto...

Ele olha pela janela. Lá fora está um dia lindo. O sol faz brilhar as marolas da piscina.

Ao descer, a televisão está ligada. Morgenthau e o pessoal da casa estão assistindo. Robert Kennedy diz:

— Ele morreu.

Dirige-se em seguida lentamente à piscina, onde os sanduíches de atum transpiram ao sol. O telefone externo toca e ele atende. Hoover,

outra vez. Apesar da solenidade do momento, percebe-se certo júbilo em sua voz. O diretor do FBI, no cargo há quase meio século, sabe que o ministro acaba de perder todo o seu poder. Robert Kennedy é um advogado medíocre, um político sem muito valor e torna-se um inimigo insignificante sem o apoio do irmão. As coisas ainda vão mudar, RFK vai mudar, mas, naquele exato instante, em 22 de novembro de 1963, Hoover triunfa. Ele anuncia:

— O estado de saúde do Presidente é crítico, muito crítico.

Robert Kennedy ouve e diz:

— Talvez lhe interesse saber que meu irmão está morto.

O doutor Clark assina o atestado de óbito. Os instrumentos são desligados. Os cateteres retirados. Os médicos saem. Jackie fica sozinha. Contempla o lençol sob o qual repousa o marido. Pisa em sangue. Há sangue em seu tailleur. As mãos estão cheias de sangue. Pingos ainda escorrem da mesa.

O pé descalço do Presidente está para fora.

Jackie se aproxima e beija o dedão ensangüentado.

Depois, começa afinal a chorar sobre a ficha nº 24740, seu marido.

Robert Kennedy distribui instruções: os arquivos e pertences do Presidente, na Casa Branca, precisam ser permanentemente vigiados. Ninguém — ninguém! — pode ter acesso a eles. Ordena McGeorge Bundy, o conselheiro encarregado da segurança, a mudar todas as fechaduras. Os dossiês devem ser removidos antes da chegada do novo Presidente, Lyndon Johnson. Os agentes do Serviço Secreto presentes no local recebem ordens: desmontar e fazer desaparecer o sistema de gravação instalado por JFK em seu escritório e na sala de reuniões do gabinete. Fotografias, blocos de anotações, relatórios, fitas magnéticas, tudo deve ser apagado, retirado, destruído. A Baía dos Porcos, a operação Mongoose, o Vietnã, a Máfia, as amantes, as chantagens, as amizades crapulosas, os assassinatos políticos, as visitas femininas à Casa Branca, as lembranças, os arquivos de chantagem política, as fontes de financiamento, Marilyn Monroe. Ah, sim!, Marilyn.

Deve-se limpar a área.

Dallas, 22 de novembro de 1963

Foi preso um suspeito, um desconhecido chamado Lee Harvey Oswald. Em poucas horas, ele seria morto por um gângster de pouca importância, Jack Ruby. Por ora, o Lincoln Continental do Presidente continua no pátio do Parkland Hospital, com as portas abertas. Um motoqueiro da polícia, Stavis Ellis, se debruça para dar uma olhada. Fios de sangue coagulam. Um buquê de rosas se esparrama pelo banco. Uma flor, isolada, jaz em uma poça vermelha.

PRIMEIRO CAPÍTULO

Gloria e Joe

Espalhando espuma, o hidroavião pousa, com o nariz apontado para o horizonte. Veleiros singram o mar ao longe. Na praia, dunas suaves se lançam no mar calmo e centenas de pessoas aguardam. Com chapéus de palha, sombrinhas, paletós listrados e vestidos brancos, toda a boa sociedade de Hyannisport está presente. Um leve vento dobra alguns tufos de relva e traz o odor gorduroso da grande fábrica de batatas fritas de Cape Cod. O Curtiss anfíbio dá meia-volta, dirigindo-se lentamente ao cais. Pela escotilha quadrada, percebe-se uma mão de mulher acenando. Os espectadores fazem o mesmo. Afinal de contas, não é todo dia que Gloria Swanson, a maior estrela de cinema naquele ano de 1929, visita o pequeno balneário.

No caminho conduzindo à cidade, vêem-se dois motéis, um dancing e nada mais. Do outro lado da enseada, encontra-se Boston, a cidade dos magnatas e dos barões, a cidade do dinheiro e dos pseudo-aristocratas: as aparências e a dissimulação varrem as consciências. Em Boston, é melhor ser branco, protestante e rico. Não há negros na praia de Hyannisport. Estamos na Nova Inglaterra, lugar de regras rígidas e belas brumas. E de punhos de camisa em celulóide e queixos empinados: Hyannisport é onde mora Joe Kennedy, o patriarca devasso, pai de Jack e de Robert. Joe se diz financista, banqueiro, produtor e homem de negócios. E ele é tudo isso.

É um canalha de colarinho branco.

O velho Kennedy é quem pilota o avião. Está se exibindo. Ostenta sua fortuna, seu poder. O Curtiss é seu. Gloria Swanson, a estrela de

Hollywood, a estrela entre as estrelas, também. Eles embarcam em uma lancha de madeira envernizada e encostam no cais. Estendendo a mão para ajudar Gloria a pôr o pé no chão firme, Joe Kennedy olha ao redor. As pessoas, mantidas a distância por alguns guardas municipais, aplaudem. A imprensa havia noticiado que o marido da estrela, o marquês Henri de La Falaise de La Coudraye, está na França “supervisionando os negócios do sr. Kennedy”. Todo mundo entendeu: Joe Kennedy comprara o marido complacente e também o seu lugar no leito conjugal. É a sua maneira de agir. O que ele quer, ele pega. Construiu sua fortuna traficando álcool, associando-se a bandidos, fazendo negócios com Frank Costello e Meyer Lansky, os chefões do gangsterismo de Chicago. Ele está disposto a tudo. Tomara Gloria Swanson como todas as outras: partindo para cima. “Ele era como um cavalo em rédeas curtas: duro, impaciente, apressado. Só após um orgasmo rápido começou a dizer alguma coisa...”, lembrou-se ela mais tarde. Primeiro se goza e depois se conversa, é o código de etiqueta de Kennedy. Suas mãos são cobertas de pêlos ruivos, o rosto cheio de sardas e um sorriso de representante comercial, com dentes que parecem peças de dominó. A mulher, Rose, vai à missa duas vezes por dia e, à noite, se vira para a parede depois do amor, fazendo o sinal da cruz. Durante o dia, anda pela propriedade de Hyannisport bem-vestida, alfinetando na blusa anotações: “Fazer compras”, “Colher rosas”, “Ver a costureira”. Controla os empregados, não se ocupa dos filhos, vive em um mundo frio. É unha-de-fome, irlandesa e carola.

Em relação a Gloria Swanson, como com todas as outras, Rose Kennedy fecha os olhos. E mantém as aparências. Quando o automóvel estaciona diante da propriedade, ela se levanta. Mandou pintar a frente da imensa casa de madeira — não as laterais, seria caro demais — e recebe o marido, que lhe apresenta a amante. Ela é minúscula. Debaixo do chapéu, vêem-se as maçãs do rosto altas, magníficos olhos verdes e a boca realçada com batom vermelho. A estrela beija as crianças endominguadas. Lá estão Joe Jr., de 14 anos, retrato escarrado do pai e herdeiro já designado. Jack — o futuro Presidente — tem dois anos a menos. Com a saúde delicada, ele tem o tom amarelado dos eternos doentes: não vai dar em nada, com certeza. Robert, nascido em 1925, é o mais agitado. Katheleen, chamada “Kick”, é uma menina de 9 anos, com dentes gran-

des, maxilar de animal predador, nada bonita, mas alegre e engraçada. Eunice, com 8 anos, é mais reservada. Pat, obediente e mimada, tem 5 anos. Jean e Rosemary estão por conta das suas babás. Rosemary, de 11 anos, é uma criança estranha. Ela se locomove lentamente. No silêncio dos fundos da casa, os empregados fazem comentários, girando o dedo apontado acima da orelha: “Ela não é muito normal.” Louca? Talvez. Os irlandeses acham que é uma maldição ligada ao tráfico: uma criança quebrada.

A propriedade Kennedy se situa em um terreno apertado. A casa, entretanto, é imensa: 15 quartos, nove banheiros, vista para o estreito de Nantucket. Joe acrescentara uma sala de projeção privada. Desde que se tornou produtor, adora novidades. Produtor? Em termos. Ele usa a sociedade com Gloria Swanson para financiar projetos aberrantes e filmes medíocres e para lavar dinheiro. Não previu o cinema falado que, há dois anos, invadiu o mercado. Ele administra os bens da amante como um sovina e manda faturar em nome da sociedade os presentes suntuosos que lhe dá. Na verdade, sem se dar conta, Gloria Swanson paga do seu próprio bolso os casacos de peles e os diamantes que Kennedy lhe presenteia. Cada garrafa de champanhe e cada colherada de caviar são retiradas da Gloria Swanson Company.

Desde o mês de novembro último, Joe Kennedy decidiu produzir o novo filme de Erich von Stroheim, estrelado por Gloria Swanson. As coisas não andam nada bem: von Stroheim é sem dúvida um gênio, mas é também arrogante, maníaco, provocador e gasta 10 mil metros de filme quando 7 metros bastariam. Com sua batuta debaixo do braço e um alto-falante na mão, o cineasta faz reinar o terror, exige luvas brancas toda manhã, só bebe champanhe batido e impõe idéias realmente dementes — mas magníficas. Por exemplo, em *Queen Kelly*, em que Gloria Swanson representaria uma religiosa reclusa que se apaixona por um príncipe, tudo contraria os bons costumes: a pura heroína se torna dona de bordel na África, se casa com um velho repugnante que baba fumo de mascar fazendo beija-mãos. Von Stroheim faz planos sacrílegos: na mesinha de cabeceira do príncipe vêem-se um livro de Casanova e a Bíblia, outro de Boccaccio e um crucifixo. Ao encontrar a religiosa, o personagem nota que ela não vestiu a calcinha e a pega com a ponta da chibata, cheirando-a ostensivamente. É bonito,

mas impossível mostrar um erotismo assim em público. Até hoje, nas cinematecas, esse plano é cortado.

Mas há algo ainda mais grave: Erich von Stroheim não é “von” nem aristocrata austríaco, como espalhara o boato. É judeu. E Joe Kennedy é violentamente anti-semita. Nunca perde uma oportunidade de insultar os “yids”.

Com isso, interrompeu-se a filmagem de *Queen Kelly*. A última cena com a “rainha” Kelly transformada em amante sadomasoquista, rodeada de cães de ataque, com chicotes pretos e orquídeas, tinha ido longe demais. Nunca se terminaria o filme: Joe Kennedy põe um fim na brincadeira. É pena: o que sobrou prova, com toda evidência, que o filme teria sido maravilhoso, certamente o único digno de lembrança na carreira de Gloria Swanson. Vinte anos mais tarde, ela filmaria *Crepúsculo dos Deuses*, sob a direção de Billy Wilder e com Erich von Stroheim reduzido à condição de ator.

Billy Wilder e orquídeas. Ambos terão um grande papel na história de Marilyn Monroe e de John Fitzgerald Kennedy.

A pedido das meninas Kennedy, Gloria Swanson deixa um autógrafa na parede da garagem da propriedade. A tarde chega ao fim: as crianças correm em todas as direções, os cachorros latem, Rose, com os lábios franzidos, briga com os empregados. Joe Jr., o irmão mais velho, e Jack permanecem junto do pai, fascinados pela atriz. É uma beleza dura, pouco comum: Walt Disney se inspirou nela para criar a bruxa de *Branca de Neve*. “Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela...” Os dois garotos ouvem. Fala-se de viagem à Europa, em transatlântico. Rosemary, a retardada, brinca com as babás. Ela baba na roupa. Eunice corre. Jack parece estar mergulhado em sonhos infundáveis. Mas ele observa. Quer se parecer com o pai, ser um conquistador. Não tem o *physique du rôle* nem a força de vontade. Joe Jr. é o favorito. Pelo pai, já estava decidido: o mais velho dos filhos entraria para a política. Joe Jr. seria Presidente. Isso mesmo, Presidente dos Estados Unidos da América.

O patriarca é severo: sorri muito pouco e, por trás dos óculos, vigia tudo. Diante dos coquetéis servidos junto à piscina, ele dá explicações: a família, é verdade, é católica em país protestante. Mas ele está cheio de

ser chamado “papista” e de ser deixado fora da boa sociedade de Boston. Essas pessoas tiveram o atrevimento de lhe dar uma bola preta quando pediu admissão no clube mais fechado da cidade! Que afronta! Ele se vingaria. Em relação à família, mantém uma única regra: inculcar nos filhos a moral do lobo. Pegar, ganhar. Os meninos devem lutar. Já as meninas são feitas para rezar e servir aos homens. Rose ouviu sem nada dizer e se benze discretamente. A noite cai, o mar cintila. Um último veleiro está chegando ao porto.

A noite é gloriosa. No restaurante chique de Hyannisport, o Goleta — um velho três mastros transformado em local de prazer —, Joe circula pelas mesas, apresentando Gloria Swanson aos amigos: “Minha sócia”, diz ele, com um sorriso de padre que se desvia do bom caminho. Rose permanece sozinha na mesa e se limita a fixar o vazio com a boca crispada, uma boca sem lábios, fina como a rachadura de um cofrinho. Pela janela, ela pode ver o porto e os barcos em exibição. Lá está o *Rose Elizabeth*, o iate do marido, e, um pouco adiante, o Curtiss anfíbio. Gloria Swanson, de vestido branco e pérolas do Japão, está divina. Seus olhos verdes brilham.

No dia seguinte, às seis da manhã, Rose Kennedy rezaria sua novena na missa.

O mar está excelente. Poucas ondas, uma leve brisa. Joe, que se diz um bom skipper, levanta as amarras. O *Rose E.* embica para o horizonte, dobra a ponta do cais; Joe faz sinal à capitania do porto. Logo atrás, vem o primeiro ferry do dia, se dirigindo às ilhas Nantucket, e ouve-se o bater do motor. O *Rose E.* é freqüentemente usado por Joe Jr. e Jack: os dois meninos adoram ir além das bóias, ao largo, e voltar, com o vento de leste que traz as ondas para se quebrarem no litoral. O pai aponta o iate para o alto-mar: na proa, com os pés apoiados no convés, Gloria Swanson segura seu imenso chapéu de palha com uma das mãos. Evita o sol, que facilmente lhe queimaria a pele. E agarra-se firmemente em um cabo: a atriz não sabe nadar. Joe Kennedy, porém, gaba-se de ser um nadador fora de série. No timão do *Rose E.*, ele se revela um navegador medíocre. O barco balança, as velas caem, mas, de um jeito ou de outro, eles ganham o largo.

A costa se distancia.

— Quando estivermos na Europa...

Joe Kennedy sabe que o marquês Henri de La Falaise, marido de Gloria, anda cortejando outra estrela de cinema, Constance Bennet. Eles freqüentam, em Paris, os melhores restaurantes e gastam o dinheiro de Constance, que ficou milionária se divorciando de Philip Morgan Plant, um herdeiro valendo ouro. Era algo que vinha a calhar para Joe K., que pode com isso continuar a esvaziar a caixa da sociedade de produção de Gloria Swanson sem que ela perceba. Ela é incapaz de organizar um piquenique no campo e menos ainda de dirigir uma empresa. Em outra época, quem cuidava disso era Joe Schenck, o chefe da United Artists: implacável e autoritário, ele dirige o seu estúdio como uma estrebaria. Gosta de jogar, adora os cavalos, investe em negócios duvidosos e despreza os artistas. Como Joe K., só que este último é irlandês.

— Você vai no *Olympic*, não é, Gloria?

Os camarotes já estão reservados. Dentro de uma semana, Gloria Swanson e o diretor Busby Berkeley, com a esposa, embarcam no *Olympic*, com destino a Cherburgo. Alguns dias depois, Joe e Rose Kennedy seguem, a bordo do *Île-de-France*. Rose vai a Deauville. Joe e Gloria... para algum outro lugar.

— Você verá, vai ser maravilhoso.

Ela abaixa a aba do chapéu, que a brisa ameaçava fazer voar.

O sol já está bem alto. À sombra de uma vela descida, Gloria se aconchega nos braços de Joe. Longe, eles podem distinguir alguns penhascos não muito altos, onde gaiotas barulhentas pairam como fitas negras. O *Rose E.* fica imóvel. Os dois amantes, nus. Joe não é um sedutor dos mais atenciosos, ele busca o seu prazer sem compartilhar. Mas Gloria aprecia sua segurança, sua arrogância. Joe faz amor como um carteiro distribui cartas, indo no endereço certo. A alguns quilômetros do litoral, estão a sós.

A sós? O alçapão da cabine de pilotagem se abre devagar. Uma mão e, em seguida, um rosto surgem. Prudente, lentamente, Jack se esgueira para fora do esconderijo. Ouve respirações rápidas, suspiros. Aos 12 anos de idade, ele ignora as coisas do amor: os pais nunca lhe falaram disso. E a escola católica em que está matriculado ensina que devem ser

deixadas de lado as coisas carnavais, dando primazia à alma, à onipotência de Deus e de seus anjos.

Jack avança com cuidado. Contorna a cabine. Vê a vela abaixada. E ali, na sombra, ele vê... vê... vê.

Ele é atingido e aniquilado como por um raio.

Ele salta para fora do barco.

Põe-se a nadar. Foge. Não ouve o pai chamar:

— Jack!

Joe Kennedy mergulha. O filho é franzino, enfraquecido por uma quantidade de doenças que o mantém regularmente acamado. Com algumas braçadas o pai o alcança. Agarra-o pelo pescoço e o faz boiar de costas. Já não era sem tempo: sufocado pelas lágrimas, sem fôlego, o menino estava quase se afogando. O pai o reboca em direção ao barco e Jack tem um acesso de soluços.

Ao subirem a bordo, a vergonha inunda Jack. Ele fecha os olhos e o sol lança um véu amarelo em seu olhar, ocultando o mundo inteiro. Ele quer morrer.

A capitania de Hyannisport não inscreveu o incidente em seus registros. Os jornalistas locais só teriam notícia dele muitos anos depois. O segredo foi mantido. Ninguém vê, ninguém ouve. Nada acontece.

Foi a última vez na vida em que John Fitzgerald Kennedy foi voyeur. Em seguida, seria ele o eterno observado, espionado, escutado. Ele ainda não sabe, mas sua vida se tornaria um permanente show. Com comparsas, capangas, figurantes, amigos e traidores. Jack será o galã de um filme fantasma, com uma estrela loura.

Dois anos depois, o mundo desaba. A Grande Depressão devasta a América. O outubro negro quebra famílias, lança milhões de pessoas na rua, reduz fortunas a cinzas, carboniza Wall Street, faz desaparecerem fazendas inteiras em nuvens de poeira.

Joe Kennedy fica mais rico ainda.

Marilyn Monroe tem três anos de idade.